

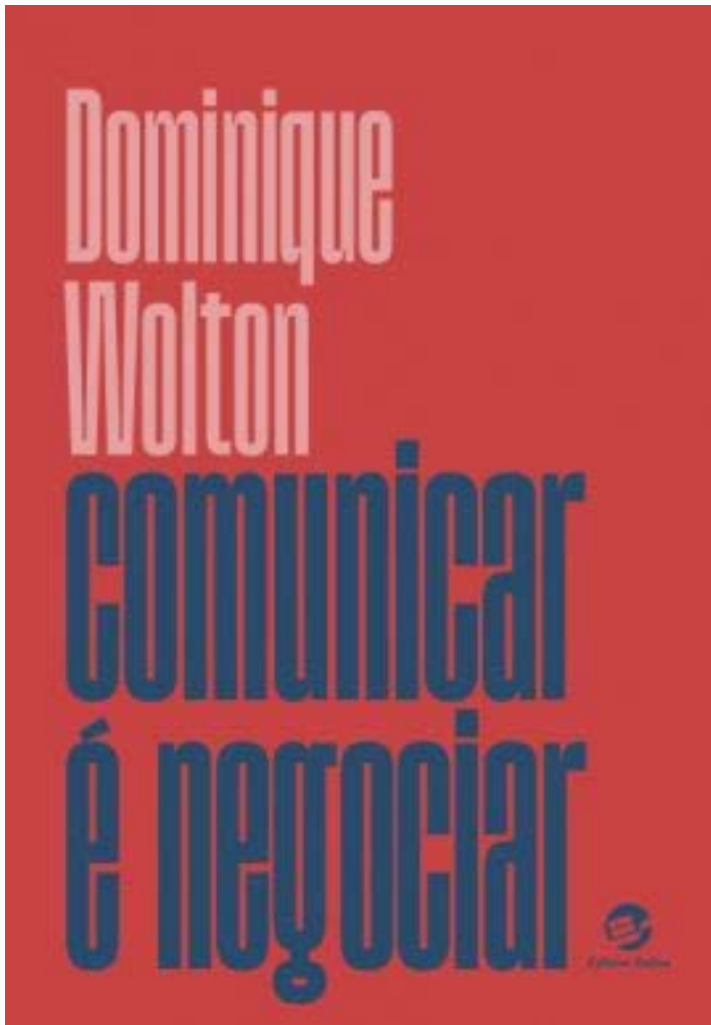
Dominique Wolton

Comunicar é negociar

Sulina

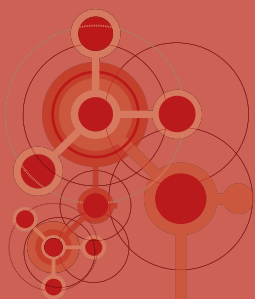
Porto Alegre, 2023

129 páginas



Juremir Machado da Silva

- Doutor em sociologia pela Universidade Paris V;
- Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS).
- E-mail: juremir@pucrs.br



Comunicar e negociar segundo Dominique Wolton

Communicating and negotiating according to Dominique Wolton

Comunicación y negociación según Dominique Wolton

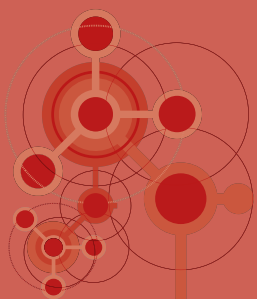
Sociólogo inquieto e sagaz, o francês Dominique Wolton continua examinando criticamente os temas da comunicação em tempos de inteligência artificial. Nos anos 1990, quando a internet ganhou dimensão planetária e maravilhou as pessoas, ele já falava da necessidade de regulamentação dessas novas redes. Era atacado, até ridicularizado, como se quisesse censurar um novo mundo que se apresentava como a realização da utopia mais completa e feliz: liberdade absoluta, tudo gratuito, interação plena, todos com todos.

Depois de publicar na França o livro *Informar não é comunicar*, logo traduzido para o Brasil em 2010, ele levou alguns anos para retomar a questão até ressurgir com a obra *Comunicar é negociar*. Ainda virá um terceiro volume, *Pensar a incomunicação*. Diretor da revista *Hermès*, editada pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS), Wolton tem uma vida dedicada a investigações sobre a relação comunicacional entre indivíduos, culturas e nações. Aliás, para ele, comunicação é relação e pilar de sociedades que se queiram democráticas.

Em *Comunicar é negociar*, Dominique Wolton propõe-se a enfrentar “um dos desafios fundamentais do século XXI? Fazer entrar, enfim, a informação e a comunicação no panteão dos grandes conceitos e valores do século” (2023, p.11). Choca-o que dois conceitos tão importantes sejam frequentemente desprezados. O resultado dessa atitude é a incompreensão. Quanto menos se trabalha com a relevância do ato de comunicar, sugere ele, mais se contribui para aumentar a desconfiança entre os diferentes. Wolton vê na comunicação um elemento político que pode aproximar os atores sociais e promover a interação entre as pessoas e sociedades.

Nos seus livros ou artigos em periódicos ou em jornais de grande circulação da comunicação depende a compreensão. Pode-se ter informação sem comunicação. Portanto, sem criação de laço social. Assim como se pode ter muita informação circulando e pouco conhecimento gerado. Com seu estilo direto, o autor afirma que a informação é “símbolo de liberdade”, enquanto a comunicação é “símbolo de reconhecimento do outro e da necessidade de negociação” (2023, p.11). Negociar para quê? Comunicar com quem? Comunicar e negociar para que se tenha paz e respeito às identidades culturais e à diversidade, fundamentos da convivência entre diferentes. Não custa destacar que para Wolton, toda sociedade moderna é complexa e apresenta-se como espaço polissêmico de convivência entre diversos.

De que maneira compreender países como a França, o Brasil ou o México sem prestar atenção à pluralidade de interesses, comportamentos e valores abrigados sob o imenso guarda-chuva representado por uma nação? Se a produção de consensos é imprescindível para se criar unidade na diversidade, a possibilidade de dissensos exprime a dimensão do plural que não pode ser cancelada. Wolton orgulha-se de pesquisar e de refletir sobre esses dilemas há mais de três décadas. Ele não se limita às estratégias nacionais de comunicação. Ocupa-se também das “múltiplas situações pessoais, culturais, sociais, políticas e diplomáticas feitas de comunicação e não comunicação”. O seu objetivo não pode ser mais claro e legítimo: “Ajudar a preencher o vazio teórico sobre o status da informação e da comunicação no campo do conhecimento” (2023, p.11). Como assim?



Simples: Dominique Wolton sustenta que ainda falta intensificar e aprofundar as pesquisas sobre três dimensões das relações sociais: comunicação, incomunicação e *acomunicação*. Em francês, como em português e em espanhol, o termo *acomunicação* é um neologismo. A comunicação para Wolton, vale insistir, é a relação com o outro, esse outro que não aceita ser reduzido aos valores do interlocutor, mas que exige ser tomado pelo que é, ou seja, irreduzível na sua diferença cultural e identitária. A incomunicação, no vocabulário de Wolton, não é a falta de comunicação, definição coberta pela "acomunicação". Incomunicação é a dificuldade de comunicação, a qual, embora sendo um problema, pode ser a oportunidade de tentar comunicar. As dificuldades de comunicação dos países europeus teriam funcionado como motivação para a construção da União Europeia.

Pensar a comunicação implica, para Dominique Wolton, manejar conceitos. Não se trata de uma operação narcisista de criação de rótulos para ganhar espaço individualmente no mercado das ideias, mas de fornecer instrumentos para a decodificação, a compreensão e a expressão dos acontecimentos sociais. O pensador/pesquisador deve focar-se, ao mesmo tempo, nos aspectos epistemológicos, políticos, culturais e da identidade dos objetos em análise. Em *Comunicar é negociar*, Wolton reúne textos publicados em diferentes momentos e lugares. Nota-se, porém, que há um fio condutor, uma linha de raciocínio que impregna cada artigo e produz uma visão de mundo coerente sobre o conjunto complexamente articulado.

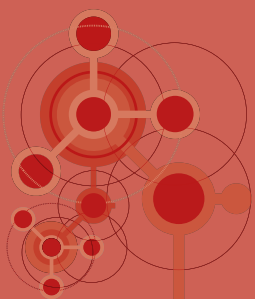
Informação, comunicação e negociação fazem parte de um todo. Nem sempre, contudo, andam juntas. Às vezes, há informação sem que exista vontade de comunicação ou espaço para a negociação. Outro quadro inadequado aparece quando se tenta comunicar sem dispor de informações verificadas, corretas e capazes de ajudar a construir uma nova instância de compartilhamento, justiça e entendimento. É fundamental conseguir comunicar. Mais fundamental ainda é conseguir comunicar bem. Não são poucos os riscos que rondam o processo comunicacional: ruídos, intrigas, interesses, *fake news*, preconceitos, ignorância, mentiras, falta de um código comum, diferenças históricas jamais superadas, crise de valores.

Wolton aponta novos problemas: "O risco hoje é a perda massiva de confiança na informação e na comunicação, no momento em que, paradoxalmente, ambas nunca foram tão essenciais" (2023, p.12). De onde viria o perigo maior? Daquilo que o próprio Wolton chamou de ideologia tecnicista, o deslumbramento com a tecnologia, encantamento acrítico que leva a crer que a tecnologia por si pode resolver tudo, democratizando, educando, reduzindo a desigualdade, produzindo compreensão e convivência.

A comunicação, no seu sentido mais forte, continua sendo humana. A inteligência artificial não deixa de ser um produto da inteligência natural, do humano. A ciência, como produção humana, deve estar a serviço do humano, porém, não no sentido moderno da tentativa antropocêntrica de dominação da natureza pelo humano como senhor de um depósito supostamente inesgotável de energias, riquezas, forças e elementos a serem saqueados. Nesse sentido, há necessidade de negociação para estabelecer de modo consistente um novo pacto entre a humanidade e o uso do meio ambiente.

Entusiasta da construção da União Europeia, que os europeus do clube chamam simplesmente de Europa, Dominique Wolton fez dessa aventura política a prova de que a dificuldade de comunicação pode levar à comunicação, à negociação e à geração do novo. É pelo fato de que existem problemas aparentemente insolúveis que se toma a decisão de sentar, conversar, aparar arestas, discutir, fazer propostas, tomar decisões, deixar para trás ódios ou ressentimentos, negociar, enfim. A Europa, com tantas línguas, tantas culturas, um histórico de afastamentos, de conflitos, de grandes guerras, saltou sobre abismos de diferenças para encontrar terrenos de entendimento, alcançando uma união considerada por muitos, ao longo do tempo, como impossível, improvável, irrealizável.

Diante de tantos problemas – fechamento na identidade, universalismo abstrato, questões de raça e gênero, colonialismo, poder das *big techs*, políticas de exclusão, demandas inclusivas, ameaças à democracia, novos surtos de intolerância, guerras que pareciam improváveis – o que fazer? Que medidas tomar? Como provocar a necessária negociação? Para Dominique



Wolton esse é o ponto crucial: a cada tempo histórico insistir na importância de objetivos comuns: "Desafio do século 21? Gerenciar a relação entre alteridade, negociação e convivência" (2023, p.12). Céticos poderão insinuar que se trata de conciliar os inconciliáveis. Wolton retoma o exemplo da União Europeia para afastar esse tipo de ressalva:

Membros da União Europeia 'discordam em tudo, mas estão sempre juntos' [...] superam sua falta de comunicação por meio de negociações incessantes, e assim contribuem, mesmo sem ter plena consciência disso, para a construção de uma coexistência política e social (2023, p.13).

A guerra no coração da Europa, em 2023, indica que ainda há *acomunicação* e incomunicação. Mais uma razão incontornável para tentar negociar.

Esta resenha explora um fragmento do pensamento do resenhado para tentar chegar ao cerne das suas preocupações. Há paradoxo no ar: para negociar é preciso querer comunicar, mas como querer comunicar quando tudo separa os improváveis interlocutores? Só a comunicação leva à negociação. Porém, a *acomunicação* cria um fosso que impede de querer se comunicar. O que fazer? Como romper esse círculo vicioso? Para Wolton não há fórmula mágica: é necessário continuar tentando. Passar da *acomunicação* à incomunicação, desta a um mínimo de comunicação e, por fim, à negociação. Não há receita, nem fórmula, muitos menos uma bala de prata. Todo dia é dia de apostar novamente naquilo que séculos impedem: comunicar. Lição da história: "Não há comunicação política sem negociação e sem a organização da convivência cultural ou sem referência a valores universais" (2023, p.13).

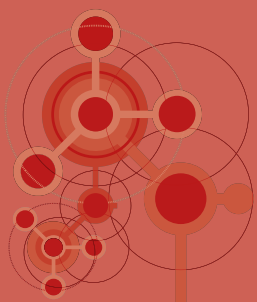
Se há quem veja na União Europeia um mero encontro de interesses econômicos de países capitalistas, Wolton não está entre eles: "A União Europeia ilustra a força desses dois conceitos políticos, informação e comunicação, e seu protagonismo na negociação e na coexistência cultural" (2023, p.13). Como ele enxerga a guerra na Ucrânia? Sem ilusões, embora com um olhar singular:

Por ocasião da guerra iniciada em fevereiro de 2022, para além das incompreensões, a solidariedade triunfou com o slogan 'viva a Ucrânia, viva a Europa'. A tragédia aproxima as duas Europas e mostra o papel da superação das dificuldades de comunicação (2023, p.14).

A covid-19 teria sido outro momento de aproximação na Europa, de soma de esforços e cooperação para enfrentar o perigo devastador.

Quase um missionário da ideia de comunicação política, incansável e convicto, Dominique Wolton não foge aos combates que exigem novos lutadores e fazem novas vítimas. Outros, menos resilientes, talvez já tivessem abandonado a luta diante do entusiasmo incontido dos adeptos da ideologia tecnicista ou face ao pessimismo dos que só parecem crer nas forças da *acomunicação*. Enquanto alguns só veem o copo meio vazio, Wolton não se constrange de vê-lo meio cheio: "A dificuldade de comunicação está entre dois extremos: o sucesso da comunicação e, ao contrário, o seu fracasso, a ausência de comunicação" (2023, p.14).

Dado que só a comunicação pode melhorar o mundo, dado que as dificuldades de comunicação são enormes e dado que a falta de comunicação faz estragos, só resta uma coisa a fazer: tentar comunicar. Tem algo de Sísifo rolando eternamente a pedra da sua condenação pelos deuses. Contudo, não há condenação de fato, muito menos pela eternidade. Pode haver mudança e exemplos, como o caso da União Europeia, indicam que mutações, de fato, acontecem. Em certo sentido, é uma questão de aposta. Nada a perder. Apostar na comunicação é sempre um sinal de esperança no melhor.



Dominique Wolton acrescenta uma “palavra final sobre negociação”. Uma palavra sensata, que poderá ser vista, porém, como de senso comum:

Ela é essencial para a comunicação, apesar de nem sempre ser valorizada. Na maioria das vezes somos forçados a negociar quando não podemos fazer o contrário. Negociar, portanto, implica fazer concessões (2023, p.14).

Por que tudo isso? Por que essa insistência? Por que acreditar em Wolton? Ele argumenta: “Na realidade, a negociação é a base da democracia. Tudo é negociado, mesmo que leve tempo e exija concessões mútuas. Não há negociação sem comunicação e vice-versa” (2023, p.15). O recado está dado.

REFERÊNCIAS

WOLTON, Dominique. *Comunicar é negociar*. Porto Alegre: Sulina, 2023.

Artigo recebido em 26.07.2023 e aprovado em 03.10.2023.